

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ADOLESCENTE E ADULTOS JOVENS COM AIDS NO ESTADO DO PARANÁ NO PERÍODO DE 2020 A 2023

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF ADOLESCENTS AND YOUNG ADULTS WITH AIDS
IN THE STATE OF PARANÁ FROM 2020 TO 2023

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ADOLESCENTES Y JÓVENES CON SIDA EN EL ESTADO
DE PARANÁ DE 2020 A 2023

Mayara Gessi Zanettin¹

Vitória Alves Inoue²

Daiane Breda³

RESUMO: A AIDS ainda é um grave problema de saúde pública e quando não tratada prejudica severamente o sistema imunológico do seu hospedeiro, deixando-o propenso a outras doenças oportunistas. Ainda assim, o número de novos casos de adolescentes e adultos jovens portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) continua aumentando nos últimos anos. Nesse sentido, o diagnóstico precoce torna-se de extrema importância, pois além de evitar que mais células de defesa do organismo sejam danificadas, ter o conhecimento do seu status sorológico ajuda com que a doença se propague menos. Nesse contexto, o objetivo desse estudo foi identificar o perfil epidemiológico de adolescentes e adultos jovens com AIDS no Estado do Paraná, no período de 2020 a 2023, por meio de consulta de dados disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus), a fim de obter informações sobre qual o sexo, faixa etária, raça/cor, escolaridade e categoria de exposição que foram mais suscetíveis a adquirir a doença. Os resultados encontrados foram 618 novas notificações, destas 80,58% eram homens e em relação a idade 22,97% tinham 24 anos. O modo de transmissão mais prevalente foi a homossexual com 30,25% dos casos. Quanto a escolaridade 35,94% tem até o ensino médio completo e segundo a raça 35,76% eram brancos. Dessa forma, é necessário criar políticas públicas de saúde direcionadas a essa população, a fim de que sejam adotadas ações eficazes de promoção, prevenção e recuperação da saúde.

1693

Palavras-chave: AIDS. Perfil epidemiológico. Adolescentes. Adultos jovens.

ABSTRACT: AIDS is still a serious public health problem and, when left untreated, severely damages the host's immune system, leaving them prone to other opportunistic diseases. Still, the number of new cases of adolescents and young adults carrying the Human Immunodeficiency Virus (HIV) continues to increase in recent years. In this sense, early diagnosis becomes extremely important, as in addition to preventing more of the body's defense cells from being damaged, knowing your serological status helps the disease to spread less. In this context, the objective of this study was to identify the epidemiological profile of adolescents and young adults with AIDS in the state of Paraná, from 2020 to 2023, by consulting data made available by the Information Technology Department of the Unified Health System (Datasus), in order to obtain information about which sex, age group, race/color, education and exposure category were most susceptible to acquiring the disease. The results found were 618 new notifications, of which 80.58% were men and in terms of age, 22.97% were 24 years old. The most prevalent mode of transmission was homosexual with 30.25% of cases. In terms of education, 35.94% had completed high school and, according to race, 35.76% were white. Therefore, it is necessary to create public health policies aimed at this population, so that effective actions for health promotion, prevention and recovery are adopted.

Keywords: AIDS. Epidemiological profile. Adolescents. Young adults.

¹Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz- FAG.

²Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz- FAG.

³Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz- FAG.

RESUMEN: El SIDA sigue siendo un grave problema de salud pública y, cuando no se trata, daña gravemente el sistema inmunológico del huésped, dejándolo propenso a otras enfermedades oportunistas. Aun así, el número de nuevos casos de adolescentes y adultos jóvenes portadores del virus de la inmunodeficiencia humana (VIH) ha seguido aumentando en los últimos años. En este sentido, el diagnóstico precoz cobra suma importancia, pues además de evitar que se dañen más células de defensa del organismo, conocer tu estado serológico ayuda a que la enfermedad se propague menos. En este contexto, el objetivo de este estudio fue identificar el perfil epidemiológico de los adolescentes y jóvenes con SIDA en el Estado de Paraná, de 2020 a 2023, mediante la consulta de datos puestos a disposición por el Departamento de Tecnología de la Información del Sistema Único de Salud (Datusus), con el fin de obtener información sobre qué sexo, grupo de edad, raza/color, educación y categoría de exposición fueron más susceptibles a adquirir la enfermedad. Los resultados encontrados fueron 618 nuevas notificaciones, de las cuales el 80,58% fueron hombres y en relación a la edad el 22,97% tenían 24 años. El modo de transmisión más frecuente fue la homosexual con un 30,25% de los casos. Respecto a la educación, el 35,94% había completado la secundaria y según la raza, el 35,76% eran blancos. Por tanto, es necesario crear políticas de salud pública dirigidas a esta población, para que se puedan adoptar acciones efectivas de promoción, prevención y restauración de la salud.

Palabras clave: SIDA. Perfil epidemiológico. Adolescentes. Adultos jóvenes.

INTRODUÇÃO

A AIDS configura-se como uma das doenças mais relevantes da adolescência e do início da juventude, pois além de ainda ser uma infecção sem cura, ela interfere no sistema de defesa do indivíduo, deixando-o propenso a outras doenças oportunistas. Sendo assim, essa síndrome requer uma atenção maior aos cuidados da saúde, principalmente nos adolescentes e adultos jovens que ainda estão em processo de desenvolvimento.

De acordo com as estatísticas dos casos de HIV/AIDS, observa-se que o perfil epidemiológico da doença tem mudado com o tempo. Além disso, com a terapia antirretroviral (TARV), incluída no Brasil em 1996, a evolução da história da doença passou por grandes mudanças, pois esse tratamento recompõe o sistema imune dos infectados e consequentemente reduz doenças oportunistas, portanto a expectativa e a qualidade de vida dessas pessoas aumentou⁶.

Posto isso, saber qual é o perfil epidemiológico dos portadores do vírus HIV é de extrema importância, pois sabendo qual é a população mais propensa a se contaminar pelo vírus, é possível desenvolver estratégias de promoção de saúde, além de oferecer a terapia precoce. Ademais, compreender a real situação em que se encontra a epidemia, possibilitará que as autoridades consigam identificar a propensão da doença e se dediquem para a diminuição da sua incidência². Ademais, sabe-se também que o diagnóstico tardio e a falta de adesão ao tratamento, geram consequência como morte prematura dessa população.

Por fim, esse trabalho tem como objetivo identificar o perfil epidemiológico de adolescentes e adultos jovens com AIDS no Estado Paraná, no período de 2020 a 2023, isto é, especificar qual o sexo, faixa etária, raça/cor, escolaridade e categoria de exposição estão mais suscetíveis a adquirir a doença e por fim levantar dados que possam auxiliar no manejo clínico e epidemiológico da doença.

REFERENCIAL TEORICO

A AIDS é causada por um retrovírus, conhecido como Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), que ataca o sistema de defesa dos indivíduos, deixando-os debilitados e vulneráveis para o aparecimento de doenças oportunistas⁷. Além disso, esse retrovírus é capaz de alterar o DNA da célula, fazer cópias de si mesmo e continuar se multiplicando, o que a torna uma doença crônica e potencialmente letal¹⁰.

Dessa forma, por se tratar de uma doença infecciosa grave, a AIDS passa a ser um relevante problema de saúde pública, sendo uma doença bastante temida pelos indivíduos, além de ainda ser um tabu diante da sociedade¹⁰. Em vista disso, a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e o adoecimento pela AIDS, caracterizam-se como assuntos contemporâneos e de relevância nas ciências da saúde e sociais⁵.

1695

O perfil epidemiológico dos portadores do HIV vem sendo modificado com o passar dos anos e a epidemia no Brasil, atualmente, mostra-se com uma concentração maior em alguns subgrupos, e desses, a infecção entre os adolescentes e adultos jovens mostrou superioridade. Sendo assim, esses grupos tornam-se essenciais para o estudo da AIDS, uma vez que é nessa fase da vida que se inicia a vida sexual, o que os tornam mais vulneráveis, devido à falta de conhecimento e prevenção, a se contaminarem pelo vírus⁶. Segundo o boletim epidemiológico (2023):

Entre 2012 e 2022, um total de 52.415 jovens com HIV, de 15 a 24 anos, de ambos os sexos, evoluíram para aids, mostrando a importância do desenvolvimento da doença nessa faixa etária e a necessidade de envidar esforços para a vinculação aos serviços e a adesão à terapia antirretroviral (Tarv)⁴.

Dessa forma, é importante uma atenção específica à saúde dos adolescentes e adultos jovens que possuem AIDS, levando em consideração que nesse período da vida o corpo também está passando por um processo de desenvolvimento no crescimento, no metabolismo e na composição corporal⁸. Posto isso, o diagnóstico precoce da doença é primordial para que o tratamento com a terapia antirretroviral possa ser realizado o mais cedo possível, pois além de

diminuir as chances de doenças oportunistas e de prevenir possíveis novas transmissões², a terapia com o TARV faz uma recomposição no sistema imunológico do indivíduo. Portanto, com a terapia precoce é possível que os adolescentes e adultos jovens portadores do vírus tenham um desenvolvimento normal e saudável, aumentando a qualidade e expectativa de vida dos mesmos⁶.

Além disso, é importante destacar que, com a introdução da terapia antirretroviral (TARV), houve uma redução na mortalidade, resultando em um aumento da sobrevivência dos portadores de HIV/AIDS. No Brasil, a distribuição de TARV é gratuita, e o programa de controle da doença é considerado uma referência mundial, contribuindo para a redução da morbimortalidade relacionada à AIDS⁵.

Apesar disso, ainda existem muitos casos de pessoas adoecidas pela AIDS sem tratamento, que pela condição socioeconômica apresentam-se com acesso restrito aos serviços de saúde, pouco conhecimento sobre a doença e não sabem o seu status sorológico. Infelizmente, esses problemas ainda são hoje um obstáculo na prevenção e adesão ao tratamento dessa infecção, contribuindo para sua propagação².

Posto isso, as estratégias e ações para que o tratamento oportuno aconteça, só poderão ser eficientes e aplicadas quando se tem o estudo dessa população⁵, por isso ter conhecimento sobre qual é o perfil epidemiológico dos adolescentes e adultos jovens com AIDS significa um progresso para disputar contra essa doença. Além disso, saber da atual realidade tornará possível que as autoridades consigam identificar as novas tendências da epidemia, estimular as notificações de agravo e se esforcem para diminuir a incidência da contaminação pelo vírus HIV⁸.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e descritivo. A coleta de dados foi realizada por meio de consultas em base de dados disponibilizados pelo Datasus (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde).

Foram incluídos na pesquisa adolescentes e adultos jovens com AIDS que vivem no Estado do Paraná, entre 13 e 24 anos, de ambos os sexos, de todas as raças/cores, independente do nível de escolaridade e que se encaixem em qualquer categoria de exposição hierar, que é o modo de transmissão – sexual, sanguíneo ou por usuários de drogas injetáveis (UDI), no período de 2020 a 2023. Foram excluídos da pesquisa os dados ignorados ou em branco.

As variáveis de interesse para o estudo, que foram sexo, faixa etária, raça/cor, escolaridade e categoria de exposição hierar, foram organizadas em planilhas utilizando a ferramenta Microsoft Excel e Word. Posteriormente foi feita uma análise descritiva desses resultados.

Por se tratar de um estudo que utilizou dados livremente divulgados através da plataforma Datasus, não existem riscos envolvidos, uma vez que os dados já tornaram-se públicos por essa base de dados, não havendo necessidade de aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, em conformidade com a normativa nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de Janeiro de 2020 até 30 de junho de 2023, foram notificados 618 (100%) adolescentes e adultos jovens, entre 13 a 24 anos, com HIV no Estado do Paraná.

Em relação ao sexo houve um predomínio do sexo masculino, representado por 80,5% dos casos nesse período, enquanto que as mulheres representaram apenas 19,5%, conforme mostra a tabela 1. Esse resultado vai em concordância a um estudo no qual foi analisado os casos de AIDS no Brasil, nos anos de 2015 até 2020, e os resultados evidenciaram também maior prevalência no sexo masculino, que foram quase o dobro em relação ao feminino¹¹. “Esses dados ressaltam a importância de políticas públicas voltadas para a saúde do homem, com o objetivo de sensibilizar e conscientizar esse grupo, que historicamente demonstra menor compreensão sobre a relevância dos serviços de prevenção e cuidados com a saúde. É crucial que essas políticas foquem em aumentar o acesso e a adesão a esses serviços, promovendo uma maior conscientização sobre a prevenção e o tratamento de doenças²³”.

1697

Tabela 1 - Sexo

| | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | Total |
|------------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|
| Total | 158 (25,6%) | 208 (33,6%) | 165 (26,7%) | 87 (14,1%) | 618 (100%) |
| Masculino | 127 (20,5%) | 173 (28%) | 130 (21%) | 68 (11%) | 498 (80,5%) |
| Feminino | 31 (5%) | 35 (5,7%) | 35 (5,7%) | 19 (3,1%) | 120 (19,5%) |

Fonte: Datasus (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), 2024

Já em relação a idade detalhada, observa-se que, a partir dos 14 anos, o número de casos aumenta conforme aumenta a idade, sendo 24 anos (23%) a idade com maior número de casos no período analisado (tabela 2). Dessa forma, observa-se que há um maior número de contaminação entre os adultos jovens em relação aos adolescentes, isso porque “com a prolongação da adolescência, que inclui o início precoce da vida sexual e o adiamento do casamento, o período de exposição aos riscos se estende, aumentando significativamente as

chances de contágio pelo HIV. Além disso, fatores como o maior número de parceiros, a prática de relações sexuais sem proteção e a menor seletividade na escolha dos companheiros também contribuem⁵”.

Em concordância ao estudo realizado por Carneiro et al (2021) o qual fez uma análise de dados brasileiros e indicou que adultos jovens, na faixa etária de 20 a 24 anos, representam uma das maiores prevalências de infecção pelo HIV. O estudo sugere que esse fato pode estar relacionado ao possível contato com o vírus durante a adolescência, fase da vida em que geralmente se inicia a atividade sexual⁶.

Tabela 2 – Idade detalhada

| | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | Total |
|----------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|
| Total | 158 (25,6%) | 208 (33,6%) | 165 (26,7%) | 87 (14,1%) | 618 (100%) |
| 24 anos | 29 (4,7%) | 48 (7,8%) | 47 (7,6%) | 18 (2,9%) | 142 (23%) |
| 23 anos | 28 (4,5%) | 38 (6,1%) | 39 (6,4%) | 18 (2,9%) | 123 (19,9%) |
| 22 anos | 30 (4,8%) | 45 (7,3%) | 31 (5%) | 22 (3,6%) | 128 (20,7%) |
| 21 anos | 19 (3,1%) | 28 (4,5%) | 13 (2,1%) | 11 (1,8%) | 71 (11,5%) |
| 20 anos | 22 (3,6%) | 25 (4%) | 14 (2,3%) | 5 (0,8%) | 66 (10,7%) |
| 19 anos | 12 (1,9%) | 9 (1,5%) | 12 (1,9%) | 5 (0,8%) | 38 (6,1%) |
| 18 anos | 6 (1%) | 8 (1,3%) | 5 (0,8%) | 7 (1,1%) | 26 (4,2%) |
| 17 anos | 6 (1%) | 5 (0,8%) | 2 (0,3%) | 1 (0,2%) | 14 (2,3%) |
| 16 anos | 2 (0,3%) | - | 2 (0,3%) | - | 4 (0,6%) |
| 15 anos | 3 (0,5%) | - | - | - | 3 (0,5%) |
| 14 anos | 1 (0,2%) | - | - | - | 1 (0,2%) |
| 13 anos | - | 2 (0,3%) | - | - | 2 (0,3%) |

Fonte: Datasus (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), 2024

Segundo a categoria de exposição hierar, ou seja, o modo de transmissão, a percentagem dos ignorados foi bem abrangente, correspondendo a 48,2% dos casos. Logo, a transmissão por contato sexual se destacou, estando os homossexuais com 30,2%, seguidos dos heterossexuais com 15,6% e então os bissexuais com 3,9%. Já o número de registros em que a transmissão não foi sexual, por usuários de drogas injetáveis (UDI) e por transmissão vertical foram menos relevantes, com 1,4% e 0,7% respectivamente, conforme mostra a tabela 3. “A alta prevalência de infecções no grupo de homossexuais é atribuída à sua responsabilização pela disseminação da doença, especialmente por meio de relações sexuais desprotegidas. O não uso de preservativos está frequentemente associado ao medo de que o parceiro descubra o diagnóstico, em razão do estigma vinculado à homossexualidade. Esse estigma está relacionado a situações

de violência, abusos e até prisão, o que reforça a complexidade do problema e a necessidade de ações que combatam tanto o preconceito quanto a discriminação²”.

É importante lembrar que desde o início da epidemia do HIV/AIDS no Brasil, por volta da década de 80, a categoria de exposição passou por mudanças significativas ao decorrer dos anos. Inicialmente a relação homossexual era vista como a principal forma de transmissão do vírus. No entanto, com o tempo, essa percepção foi se alterando, e atualmente alguns estudos mostram que a infecção pode ocorrer em diversas categorias de exposição. Como por exemplo, no estudo realizado por Aguiar et al (2021), onde os pesquisadores identificam que a transmissão heterossexual tornou-se a mais prevalente, o que contribuiu para o aumento da prevalência da infecção entre o sexo feminino. Esse processo foi denominado de "heterossexualização" e "feminização" da epidemia¹. Porém, outro estudo realizado recentemente no Estado Goiás por Amorim e Duarte (2021) apresentou o tipo homossexual como o mais prevalente², comprovando que a categoria de exposição ainda vem sendo modificada.

Tabela 3 – Categoria de exposição hierar

| | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | Total |
|-----------------------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|
| Total | 158 (25,6%) | 208 (33,6%) | 165 (26,7%) | 87 (14,1%) | 618 (100%) |
| Ignorado | 63 (10,2%) | 94 (15,2%) | 84 (13,6%) | 57 (9,2%) | 298 (48,2%) |
| Homossexual | 60 (9,7%) | 67 (10,8%) | 44 (7,1%) | 16 (2,6%) | 187 (30,2%) |
| Heterossexual | 22 (3,5%) | 35 (5,7%) | 30 (4,8%) | 10 (1,6%) | 97 (15,6%) |
| Bissexual | 8 (1,3%) | 8 (1,3%) | 5 (0,8%) | 3 (0,5%) | 24 (3,9%) |
| UDI | 3 (0,5%) | 3 (0,5%) | 1 (0,2%) | 1 (0,2%) | 8 (1,4%) |
| Transmissão vertical | 2 (0,3%) | 1 (0,2%) | 1 (0,2%) | - | 4 (0,7%) |

Fonte: Datasus (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), 2024

Quanto à escolaridade, a maioria tem até o ensino médio completo, ao contrário de outros estudos que associam a baixa escolaridade aos indivíduos diagnosticados com HIV. Neste caso, há também uma alta porcentagem de dados ignorados, já que 281 (100%) representaram o total dessa categoria. De acordo com um levantamento realizado pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, os altos índices de casos entre pessoas com maior escolaridade nos dias atuais podem ser atribuídos ao fato de que, apesar de saberem como se prevenir, muitas pessoas veem a AIDS como algo distante de suas realidades⁷. Ainda assim, é sabido que a infecção por HIV está fortemente relacionada à falta de instrução e à vulnerabilidade econômica, afetando grupos sociais que enfrentam dificuldades no acesso aos serviços de saúde, o que os torna um público prioritário para ações e políticas de saúde pública².

Além disso, ainda observa-se uma relação entre maior nível educacional e uma melhor adesão à terapia antirretroviral (TARV)⁶.

Tabela 4 – Escolaridade

| | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | Total |
|---|------------|------------|------------|-----------|-------------|
| Total | 84 (29,9%) | 97 (34,5%) | 69 (24,6%) | 31 (11%) | 281 (100%) |
| Superior completo | 7 (2,4%) | 9 (3,2%) | 4 (1,4%) | 3 (1,1%) | 23 (8,1%) |
| Superior incompleto | 19 (6,8%) | 21 (7,5%) | 6 (2,1%) | 7 (2,4%) | 53 (18,8%) |
| Médio completo | 29 (10,3%) | 33 (11,7%) | 28 (10%) | 11 (3,9%) | 101 (35,9%) |
| Médio incompleto | 19 (6,8%) | 14 (5%) | 12 (4,3%) | 2 (0,7%) | 47 (16,8%) |
| Fundamental completo | 1 (0,4%) | 4 (1,4%) | 9 (3,2%) | 3 (1,1%) | 17 (6,1%) |
| 5^a a 8^a série incompleta | 9 (3,2%) | 12 (4,3%) | 8 (2,8%) | 5 (1,8%) | 34 (12,1%) |
| 4^a série completa | - | 2 (0,7%) | 1 (0,4%) | - | 3 (1,1%) |
| 1^a a 4^a série incompleta | - | 2 (0,7%) | 1 (0,4%) | - | 3 (1,1%) |

Fonte: Datasus (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), 2024

Por fim, no que se refere à raça/cor, os indivíduos brancos apresentaram-se como os mais acometidos pelo HIV, seguidos dos pardos e então os pretos. As raças amarela e indígena apresentaram-se com baixos números de casos e os casos ignorados também tiveram um valor significativo (tabela 5). Porém, vale ressaltar que entre a população estudada foi verificada uma maior distribuição de brancos em relação as outras etnias.

1700

À vista disso, um estudo realizado por Santos et al (2021) identificou que teve mais comprometimento de negros na Bahia e no Nordeste infectados pelo HIV no período de 2007 a 2020, mostrando então que em algumas regiões do Brasil já teve confirmação de maior exposição com negros⁹. Também de acordo com o Boletim Epidemiológico sobre HIV/AIDS apresentado pelo Ministério da Saúde em 2023, 61,7% dos óbitos foram entre pessoas negras (47% em pardos e 14,7% em pretos) e 35,6% entre brancos³. Sendo assim, ainda deve-se considerar que a exclusão social que historicamente afeta negros e pardos no Brasil é evidenciada pela epidemia de HIV, revelando que esses grupos muitas vezes não têm acesso a direitos básicos, nem a informações adequadas sobre saúde. Não obstante, ainda é fundamental não apenas promover o acolhimento e combater a estigmatização, mas também compreender que a epidemia está diretamente ligada à desigualdade social e que a redução dessas desigualdades é essencial para controlar a epidemia¹¹. Ainda assim, no Estado do Paraná, a contaminação pelo vírus permanece mais em brancos, apesar da discriminação social que acaba acontecendo com os negros.

Tabela 5 – Raça/cor

| | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | Total |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|
| Total | 158 (25,6%) | 208 (33,6%) | 165 (26,7%) | 87 (14,1%) | 618 (100%) |
| Ignorado | 62 (10%) | 91 (14,7%) | 86 (14%) | 54 (8,7%) | 293 (47,4%) |
| Branca | 65 (10,5%) | 84 (13,6%) | 51 (8,3%) | 21 (3,4%) | 221 (35,8%) |
| Parda | 25 (4%) | 24 (3,9%) | 18 (2,9%) | 12 (1,9%) | 79 (12,7%) |
| Preta | 5 (0,8%) | 8 (1,3%) | 7 (1,1%) | - | 20 (3,2%) |
| Amarela | 1 (0,2%) | 1 (0,2%) | 2 (0,3%) | - | 4 (0,7%) |
| Indígena | - | - | 1 (0,2%) | - | 1 (0,2%) |

Fonte: Datasus (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), 2024

Segundo o Ministério da Saúde, nos últimos dez anos, o Brasil apresentou uma redução de 25,5% no coeficiente de mortalidade por AIDS, que caiu de 5,5 para 4,1 óbitos por 100 mil habitantes. Em 2022, foram registrados 10.994 óbitos devido ao HIV ou AIDS como causa principal, o que representa uma queda de 8,5% em comparação aos 12.019 óbitos registrados em 2012. Apesar dessa diminuição, aproximadamente 30 pessoas ainda morreram de AIDS por dia no ano de 2022. Esses dados destacam a importância de considerar os fatores sociais que influenciam a infecção e a doença, para que se possam criar respostas mais eficazes. Além disso, é essencial incluir nas políticas públicas as populações-chave e prioritárias, que têm sido negligenciadas nos últimos anos³.

1701

Nesse sentido, uma das formas de prevenção contra o HIV é o uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), um método que consiste em tomar comprimidos antes da relação sexual, ajudando o organismo a se preparar para um possível contato com o vírus. Quem faz uso da PrEP realiza acompanhamento regular de saúde, com testes para o HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis. Atualmente, todos os estados oferecem serviços de saúde disponibilizando a PrEP³.

Por fim, com os resultados encontrados, foi possível observar que em relação ao período da pandemia do Covid 19, entre o ano de 2020 até 2022, não houve diferenças em questão ao diagnóstico da AIDS.

É importante considerar que para esse estudo foram utilizados apenas dados dos sistemas de notificação disponíveis no Brasil e que os dados do ano de 2023 foram consolidados apenas até o mês de Junho. Além disso, a subnotificação, evidenciada pela falta de dados significativos relacionados ao HIV e à AIDS, constitui um agravante para a confiabilidade das informações obtidas nas pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epidemia da AIDS continua afetando significativamente a qualidade de vida de adolescentes e adultos jovens que vivem com a doença. Por isso, essa população requer uma atenção especial, pois enfrenta desafios únicos, como a perda de amigos e familiares, a discriminação e o preconceito, além do risco constante de adoecimento e morte. Essas questões impactam diretamente sua qualidade de vida e os diferenciam socialmente de outros jovens da mesma idade.

Dessa forma, esse estudo objetivou encontrar o perfil epidemiológico de adolescentes e adultos jovens no estado do Paraná a fim de que estratégias relacionadas aos cuidados dessa população possam ser aplicadas, levando em consideração que o número de transmissões podem diminuir através da conscientização desse grupo e que os agravos secundários a síndrome podem ser reduzidos quando iniciado o tratamento precoce. Porém, tais ações só poderão ser efetivadas quando se conhece a população de risco.

Posto isso, foi possível observar uma mudança significativa no perfil epidemiológico da doença e das populações afetadas, com um aumento nos casos entre jovens brancos e aqueles com ensino médio completo. Essa realidade evidencia a diversificação do perfil das pessoas infectadas pelo HIV, superando os estereótipos anteriores e incluindo novos grupos sociais, antes considerados menos vulneráveis.

Sendo assim, é fundamental melhorar o acesso aos serviços de saúde, fortalecer o vínculo com os profissionais, garantir a capacitação contínua das equipes multiprofissionais, e criar um ambiente dedicado aos adolescentes e jovens adultos. Além disso, é essencial adotar estratégias de educação em saúde e cuidados que sejam adequados à essa fase e oferecer apoio para a adesão à terapia antirretroviral (TARV). Essa abordagem integrada busca emponderá-los para que assumam um papel ativo no gerenciamento de sua saúde, criando uma rede de apoio que favoreça o bem-estar e a adesão aos tratamentos necessários.

Espera-se que os conhecimentos gerados por este estudo ampliem as possibilidades de compreensão dos fatores associados ao HIV e os motivos da alta incidência da infecção. Além disso, é essencial que todos os profissionais de saúde estejam capacitados para expandir seus conhecimentos e gerar informações relevantes para os pacientes. Isso contribuirá para a promoção da prevenção, interrupção da transmissão e oferta de um tratamento eficaz.

REFERÊNCIAS

1. AGUIAR TS, Fonseca MC, Santos MC, Nicoletti GP, Alcoforado DS, Santos SC, Neta ML, Soares TF, Marcos GC, Junior AM. **Perfil epidemiológico de HIV/AIDS no Brasil com base nos dados provenientes do DataSUS no ano de 2021.** Disponível em: [file:///C:/Users/MICRO/Downloads/26402-Article-306777-1-10-20220210%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/MICRO/Downloads/26402-Article-306777-1-10-20220210%20(2).pdf). Acesso em: junho 2024
2. AMORIM TF, Duarte LS. **Perfil Epidemiológico de casos notificados de HIV no estado de Goiás.** Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/10/1292642/perfil-epidemiologico-de-casos-notificados-de-hiv-no-estado-de-goias.pdf>. Acesso em: abril 2024
3. BRASIL. Ministério da saúde. Governo Federal. **Dezembro vermelho.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/brasil-registra-queda-de-obitos-por-aids-mas-doenca-ainda-mata-mais-pessoas-negras-do-que-brancas>. Acesso em: junho 2024
4. BRASIL. Ministério da saúde. **Boletim epidemiológico.** Disponível em: <file:///C:/Users/MICRO/Downloads/Boletim%20Epidemiol%C3%B3gico%20-%20HIV%20e%20Aids%202023.pdf>. Acesso em: junho 2024
5. Cabral JV, Santos SS, Oliveira CM. Perfil sociodemográfico, epidemiológico e clínico dos casos de HIV/AIDS em adolescentes do estado de Pernambuco. Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/revistauniara/pdf/34/artigo_10.pdf. Acesso em: maio 2024
6. CARNEIRO RR, Dantas TR, Targino EV, Queiroz MM. Perfil Epidemiológico da AIDS na população adolescente e jovem: análise dos dados brasileiros. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2021/TRABALHO_EV161_MD1_SA105_ID2212_29092021185737.pdf. Acesso em: maio 2024
7. OLIVEIRA CS, Mendonça DS, Assis LM, Garcia PG. Perfil Epidemiológico da AIDS no Brasil utilizando sistemas de informação do Datasus. Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/perfil-epidemiologico-da-aids-no-brasil-utilizando-sistemas-de-informacoes-do-datasus/>. Acesso em: maio 2024
8. RIBEIRO AC, Paula CC, Neves ET, Padoin SM. Perfil clínico de adolescentes que tem AIDS. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648971011.pdf>. Acesso em: maio 2024
9. SANTOS TC, Andrade AC, Viana IG, Silva RM, Bezerra VM. **Análise temporal da incidência de HIV/aids no período de 2007 a 2020.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/fJcbyj7FG8ss3X5Gs6z38Wk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: junho 2024
10. SOUZA EB, Silva RC, Chiachio NC. Perfil Epidemiológico das pessoas que vivem com HIV-AIDS: um desafio social. Disponível em: <file:///C:/Users/MICRO/Downloads/24159-Article-287658-1-10-20211218.pdf>. Acesso em: maio 2024

II. TEIXEIRA LG, Chagas BL, Alves FS, Padron GM, Ribeiro JC, Amaral RC. **O perfil epidemiológico da AIDS no Brasil.** Disponível em: <http://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/43504/pdf>. Acesso em: junho 2024